

Tema: Importância da Integração família escola, suas dificuldades e seus encontros, dialogo necessário para a construção do sujeito e o futuro do contexto escolar.

1-Prof.Me. Glaciene Januário Hottis Lyra

RESUMO

O presente estudo vem abordar a integração entre escola e família devido sua importância para a educação e o desenvolvimento humano. Serão apresentadas algumas reflexões sobre o envolvimento da família com a escola e algumas dificuldades implícitas nesta relação, seu impacto sobre a aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Finalizado com a necessidade de uma integração efetiva e duradoura entre escola e a família, respeitando as peculiaridades de cada instituição e revalidando os benefícios desta parceria.

Palavra-chave: Escola. Família. Integração.

ABSTRACT

The present study has addressed the integration between school and family because of its importance to education and human development. We will present some reflections on family involvement with the school and difficulties implicit in this relationship, its impact on learning and student development. Finalized with the need for effective and lasting integration between school and family, respecting the peculiarities of each institution and revalidating the benefits of this partnership.

Keywords: School. Family. Integration.

A família é a primeira mediadora entre homem e a cultura, ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e da construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais e particulares.

Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social. E é por meio dessas interações familiares que se concretiza as transformações na sociedade que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influencias bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que

compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa (DESSEN; POLONIA, 2007).

Segundo Kaloustian (1988), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes.

Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, e é em seu espaço que são absorvidos o valor ético e humanitário, em que se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Não resta dúvida de que a situação de bem-estar das crianças e dos adolescentes encontra-se diretamente relacionada à possibilidade de manterem um vínculo familiar estável. Nesta perspectiva, [...] percebe (-se) a convivência familiar como um aspecto essencial de seu desenvolvimento e como um direito inalienável (KALOUSTIAN, 1998, p.9).

Gokhale (1980) acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é, e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas.

Educar filhos hoje em dia é algo muito mais complexo do que no tempo dos nossos pais ou avós. Vários fatores contribuíram para isso. O mundo mudou radicalmente do início da década de 90 até os dias atuais, e todos nós, crianças, adolescentes e adultos, vivemos as consequências dessa mudança. Com estas mudanças que ocorreram na sociedade o mundo hoje é globalizado os avanços tecnológicos vêm acontecendo e isto é possível observar como a inversão de papéis e valores transformou a família, e esta adquiriu uma nova configuração, a mulher conquista cada vez mais seu lugar no mercado de trabalho conseqüentemente ocorreu uma mudança na criança, e seguindo neste contexto, o aluno e a escola (ARAUJO, 2005).

Há que se destacar a grande mudança no papel da mulher, que antes apenas mãe, agora acumula a esse papel o de mulher e de trabalhadora. Provedora do lar, muitas vezes, assume completamente a base do orçamento familiar, que a impede de exercer uma ação educadora mais próxima para seus filhos.

Por esse quadro, a vida escolar dos alunos, em maior ou menor grau, pode sofrer alterações. Vale lembrar que o papel da mãe como educadora é objeto de referência para a

criança e, em sua ausência, ora se apresenta estranha à convivência dos membros da casa, ora a televisão lhe serve de babá ou ainda a rua se mostra como “único espaço de acolhimento”, que mais deseduca e enfraquece o interesse pelos estudos.

As novas exigências centradas na venda e consumo requerem um orçamento familiar maior, compelindo tanto o pai quanto a mãe para o emprego de sua força de trabalho fora de casa, relegando assim, de maneira não espontânea, a educação dos filhos e o acompanhamento de sua vida escolar. Por esse novo arranjo provocado pelas relações de trabalho e de produção, muitas mães estão sobrecarregadas com jornadas extenuantes, tendo em consequência disto, menos tempo e disponibilidade para estarem junto com os mesmos e servir-lhes de referencial. Isto se dá porque:

Uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que redundam em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias. O fato de as mulheres, em particular as esposas tornarem-se produtoras de rendimentos e parcerias, importantes na formação do orçamento da família, confere-lhes nova posição na estrutura doméstica e tanto altera os indivíduos que as unem ao marido e aos filhos, quanto contribui para o redimensionamento da divisão sexual do trabalho (ROMANELLI, 2002, p. 77).

Diante destes acontecimentos pais reagem protegendo excessivamente seus filhos. Hoje a realidade da família atual, pais que passam pouco tempo com os filhos e esta nova configuração da família acaba atribuindo a escola o papel de educar. Contudo, a educação precisa acontecer no contexto familiar é aí que os conceitos e valores são transmitidos de pais para filhos. Cabendo a escola ampliar essas ações iniciadas na família.

Os filhos necessitam da firmeza vinda de um “não”, isto é que vai lhes proporcionar facilidade ao lidar com a frustração, inerente a todas as pessoas em todo o decurso da vida.

Dizer sim é sempre mais fácil, dá menos encrenca, cansa e dor de cabeça. Dizer não é que é difícil: dá trabalho para dizer e mais trabalho ainda para se manter firme nessa posição. Mas é fundamental. Esse não que muitas vezes dizemos à custa do nosso sossego e que arranca lágrimas dos filhos é a maior prova de amor que podemos dar a ele. Esse não, dito na hora certa, mostra à criança que nem sempre as coisas podem ser como ela quer. (ARAÚJO, 2005, p.143)

Cabe aos pais à autonomia de gerenciar regras e valores na educação de seus filhos, este papel é intransferível, mesmo que diante da atual conjuntura familiar.

A família é o primeiro grupo com o qual a pessoa convive e seus membros são exemplos para a vida. Se os pais ou responsáveis demonstrarem curiosidade, atenção e participarem da vida escolar de seus filhos, reforçando a importância do que está sendo

aprendido e ensinado, dos valores sociais que devem ser respeitados por conta de uma convivência balizada no respeito e solidariedade, estarão dando uma enorme contribuição para o processo de aprendizagem.

A escola tem uma parcela importante de responsabilidade na Educação dos jovens. É lá que acontece toda a Educação formal das crianças e adolescentes. Mas é importante dizer que ela não substitui o papel da família. São os pais, avós, irmãos, tios e tias que preparam a criança para o mundo. Por isso, é crucial que a família dê o exemplo, mostre o que é certo, o que é errado e incentive a criança ou adolescente a estudar sempre. Família e escola devem trabalhar juntas!

A presença dos pais é imprescindível para que o trabalho da escola funcione. Segundo Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 406) a família é o contexto mais importante nos primeiros anos de vida da criança ninguém questiona. O saber popular descreve bem tal ambiente, afirmando que as meninas e os meninos adquirem ali as primeiras habilidades: na família, aprendem rir e a brincar, aprendem os hábitos básicos – por exemplo, a relacionarem com as pessoas. Mesmo assim como esses autores afirmam a família não é o único lugar onde acontece o processo educacional, começa nela, mas não termina aí.

O mundo externo tem um impacto considerável desde o momento em que a criança começa a relacionar – se com pessoas, grupos e instituições, cada uma das quais lhe impõe suas perspectivas, suas recompensas e seus castigos, contribuindo, assim, para a formação de seus valores, de suas habilidades e seus hábitos de conduta (BRONFENBRENNER, 1993, p.16 citado por COLL, MARCHESI e PALACIOS 2004).

Educar é um processo global se pensarmos em educar para a vida. Educar para o pedagógico é sim tarefa de ambas, escola e família. A verdade é que a escola não conseguirá sozinha, levar adiante a responsabilidade de educar e ensinar ao mesmo tempo, uma vez que, claramente as tarefas são divididas; a escola ensina; a família educa.

Ariés (2006) aborda mais uma função da família: a proteção. A sociedade, longe da família, para quem não está preparado, pode ser muito desafiadora. A família deve preparar o indivíduo para viver fora dela, ou seja, a família tem a função de educar para a vida.

A educação deve orientar a formação do homem para ele poder ser o que é, da melhor forma possível, sem mistificações, sem deformações, em sentido de aceitação social. Assim, a ação educativa deve incidir sobre a realidade pessoal do educando, tendo em vista explicitar suas possibilidades, em função das autênticas necessidades das pessoas e da sociedade [...] A influência da Família, no entanto, é básica e fundamental no processo educativo do imaturo e nenhuma outra instituição está em condições de substituí-la. [...] A educação para ser autêntica, tem de descer à individualização, à apreensão da essência humana de cada educando, em

busca de suas fraquezas e temores, de suas fortalezas e aspirações. [...] O processo educativo deve conduzir à responsabilidade, liberdade, crítica e participação. Educar, não como sinônimo de instruir, mas de formar, de ter consciência de seus próprios atos. De todo geral, instruir é dizer o que uma coisa é, e educar é dar o sentido moral e social do uso desta coisa". (NÉRICI, 1972, p.12)

Entretanto, Freire (2000) evidencia que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, uma tomada de posição, uma decisão, por vezes, até uma ruptura com o passado e o presente. Para este renomado pesquisador e educador, as classes dominantes enxergam a educação como imobilizadora e ocultadora de verdades.

A educação é uma forma de se intervir no mundo, dentro desta linha de pensamento de Freire (2000), que fala de educação como intervenção. Ele se refere a mudanças reais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, a terra, a educação, a saúde, com referência à situação no Brasil e noutros países da América Latina.

Quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário, tanto mais autoridade ela tem. Eticamente falando, para continuar lutando em seu nome, desta forma se posiciona Freire (2000):

A escola foi criada para servir à sociedade. Por isso, ela tem a obrigação de prestar contas do seu trabalho, explicar o que faz e como conduz a aprendizagem das crianças e criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos. A escola, portanto, é a instituição responsável pela educação formal da criança. Sendo assim, a formação integral do indivíduo é de finalidade da escola e da família, tendo como objetivo primeiro tornar os indivíduos cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Com as transformações vividas na sociedade humana deixando-as mais complexa ocorreu a necessidade de institucionalizar uma forma eficiente de transmissão da cultura acumulada, necessária à sua sobrevivência. A escola nasce de uma necessidade do próprio processo social e uma de suas funções é mediar, para novas gerações, apropriação da cultura acumulada pela humanidade a outras gerações.

Até o século XIX, a separação de tarefas entre escola e família era clara: a família cuidava da instrução que era a transmissão de conteúdo, e a escola dedicava-se a educação de valores, hábitos e atitudes. Com a era moderna essa divisão do trabalho educacional fica confusa, a educação passa a ser objeto de atenção das famílias e as expectativas em relação à escola se ampliam, a escola passa a ser reconhecida como espaço de aprendizagem de conteúdos e de valores para a formação da criança (HEIDRICH, 2009).

A escola constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, isto é, um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é

permeado por conflitos, problemas e diferenças (MAHONEY, 2002). É nesse espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela (REGO, 2003). A escola emerge, portanto, como uma instituição fundamental para o indivíduo e sua constituição, assim como para a evolução da sociedade e da humanidade (DAVIES & COLS., 1997; REGO, 2003). Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo.

Souza (2012) afirma que educação é uma prática social que existe em toda e qualquer sociedade humana, em todos os tempos e lugares, desde o momento em que essas sociedades, ao produzir símbolos e normas, acharam por bem transmitir essa produção às novas gerações. Primeiramente, isso ocorreu sem escolas e profissionais especializados no ofício, posteriormente em rede de escolas constituídas como sistemas. A educação é hoje considerada com um fator de mudanças dando a garantir a evolução social e dar continuidade à mudança no sentido desejado. A educação atua sobre a vida e o crescimento da sociedade.

A escola é um ambiente privilegiado de aprendizagem, todo o processo de formação passa por esse ambiente da escola, e esta precisa passar por mudanças, transformações, evoluções tecnológicas para atender a velocidade das mudanças da realidade do hoje.

Segundo Durkheim (2011, p.53) citado por Souza (2012):

A educação é a ação que é exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular.

Este autor associava a educação à crítica construtiva e à tarefa de reconstruir a sociedade. Mesmo que seja passível de crítica, em sua concepção de gerações adultas educadoras de gerações novas há três elementos insuperáveis na sua definição: a concepção de educação como ação deliberada, sua dimensão social e seu aspecto ao mesmo tempo uno e múltiplo (SOUZA, 2012).

A educação é sempre um processo social. Ainda que pais e professores se constituam como mediadores entre sociedade e indivíduo, cada qual tomado isoladamente nunca é produto da ação de um único educador. Em cada um de nós subsistem dois seres, diz: (DURKHEIM 2011, p. 54 citado por SOUZA, 2012)

Um é o ser individual, constituído por traços singulares da personalidade que nos distinguem de todas as outras pessoas. O outro é o ser social constituído a partir de um

sistema de ideias, de sentimentos e de crenças que não se encontram em cada indivíduo tomado isoladamente, mas expressam os grupos nos quais estamos inseridos.

São as crenças religiosas, a moral, as tradições identitárias, as opiniões coletivas de toda espécie. Formar esse ser social em cada um de nós constitui a tarefa básica da educação. Ela é a socialização metódica das novas gerações.

Segundo Conte, a escola deve estar preparada para despertar na família e nos alunos a confiança necessária para que o trabalho pedagógico possa desenvolver sem confronto e estimular a busca pelo conhecimento embasado numa relação mútua de confiança e parceria família-aluno e escola-professor, com o foco sempre no bem-estar da criança/adolescente, tanto no espaço educacional ou fora dele.

Seguindo este pensamento de Conte, a escola também deve exercer a função de orientadora das famílias, acolhendo-as quando for necessário, ajudando-as na difícil tarefa de educar nos dias atuais, quando tantos atrativos trazidos com a tecnologia são mais bem-vistos pelas crianças e adolescentes do que a escola.

No momento que as famílias entregam seus filhos à escola, eles trazem nas costas uma mochila recheada, não apenas de cadernos e livros, mas também de toda a sua estrutura familiar, emoções, vida social e até mesmo cultural. (CONTE, 2009, p.27)

Família e escola possuem funções semelhantes e próximas, e que se resumiriam sinteticamente no trinômio proteger-educar-dar autonomia, podem permanecer no espaço da troca e da complementariedade, quando se refere ao respeito pelas diferenças e semelhanças que se somam em que uma não anula a outra, sem cair na armadilha do espaço de disputa, buscando acertos e erros.

Concluindo Conte (2009), afirma que a família é um tesouro que ajuda a compreender melhor o sujeito e facilita as intervenções da escola. A escola entra para denunciar e colocar a família em confronto com as diferenças e com a diversidade de valores e de forma de educar. A parceria desses dois sistemas é fundamental para que ocorram os processos de aprendizagem e crescimento de todos os membros desses sistemas.

Crianças e jovens são levados para a escola com o objetivo de que aprendam os conteúdos e desenvolvam competências que os preparem para a vida. Os educadores esperam que cheguem à sala de aula interessados em aprender, prontos para o convívio social e para o trabalho disciplinado. Quando as expectativas dos dois lados se frustram, surge um círculo vicioso de reclamações recíprocas que devem ser evitadas com a adoção de atitudes de corresponsabilidade (MENEZES, 2005).

Outro aspecto limitante dessa relação é o pouco espaço dado às famílias na construção das práticas educativas da escola. Na maioria das vezes as famílias são chamadas apenas para a entrega das notas ou porque existem algum problema com seus filhos ressalta.

Não existe, acrescenta ela, por parte das famílias – mais ainda se situadas em áreas de alta vulnerabilidade social - uma “cultura de reivindicação” que permita saber não apenas o que seu filho está aprendendo mas também como são as relações sociais, o cotidiano e o clima no ambiente escolar.

Boas partes dos pais não tiveram acesso a uma boa escola falta repertório de vivências e exemplos de como se deve supervisionar a educação escolar em casa. A ideia da necessidade de acompanhamento pelos pais é algo recente afirma Mizne citado por Aquistapace (2012). As escolas ainda não sabem como acolher as famílias.

A escola desde seu surgimento como instituição social de educação formal, teve suas raízes entrelaçadas à família. A concepção de escola e de educação existia desde as civilizações da antiguidade oriental e grega, como a Padeia, mas foi a partir da Idade Moderna que o ensino passou a ser formalizado e institucionalizado.

Com a criação dos grandes centros urbanos, as mulheres iniciaram sua inserção no mundo do trabalho, dividindo com a escola o cuidado e a educação dos filhos. Desde então, a escola passou a contribuir com a família na formação e na educação dos jovens e crianças.

Esta saída da mãe de família ao mercado de trabalho cada vez mais, não só pela necessidade de sobrevivência, mas também em busca de uma vida mais confortável, sempre pressionada pelo consumismo moderno (NIDELCOFF, 1983).

Outro fator que tem pesado sobre a decisão das mulheres em aderir ao mercado de trabalho é a influência da mídia, principalmente, a televisão, incentivando o consumismo em casa. Mais necessidades consumistas, maior necessidades de ganhos. Em compensação, menor tempo de mãe em casa, menos acompanhamento da vida escolar e educacional do filho dentre outras atribuições (NIDELCOFF, 1983).

Verifica-se que sempre que ocorre uma mudança na cultura dos sujeitos ligados a escola, esta repercute de certo modo, em transformações sociais, comenta sobre isso Nidelcoff:

Não se pode fazer uma mudança profunda na escola, enquanto não se faça uma mudança social e também profunda, que proponha novos ideais comunitários e pessoais com uma nova maneira de ver a realidade e a história e que valorize de forma diferente a educação do povo e da cultura popular (NIDELCOFF, 1994).

De acordo com a autora, apesar de tudo, existe algo que pode mudar, ainda que não se tenha produzido a mudança global e profunda da sociedade e da escola: é o modo de agir dos

professores, sua maneira de relacionar-se com os pais e as crianças, os objetivos do trabalho, a maneira de focar os conteúdos (NIDELCOFF, 1994).

Reforça o autor a importância dos espaços escolares que de certo modo são utilizados de forma inadequada ou às vezes, nem sempre é de possível utilização para a comunidade, respeitando e resguardando o real objetivo da educação. E nos bairros mais carentes onde as oportunidades de lazer fora de casa são precárias, restritas e por que não dizer raras, cujas condições sócio-econômicas de sua população não possibilitam acesso a bens como cinema e teatro, a escola fechada chega a constituir, uma ofensa ao cidadão passando com frequência, a imagem de representantes das forças de ocupação, inovadoras. Despi-la dessa capa e torná-la útil à comunidade é um desafio a se vencer com competência e criatividade.

O desafio é aproximar, cada dia mais a comunidade da escola, estimulando a interação democrática entre os alunos, pais, funcionários e toda a população entorno, como busca de mecanismo de facilitação de seus acervos para aumentar a divulgação de informações e obtenção de conhecimentos. Tomando cuidado para que novas atribuições não venham comprometer a finalidade de sua principal função que é educar.

Bastos comenta que:

É fundamental democratizar o debate, de tal forma que todos nas escolas públicas possam ser sujeitos deles. A gestão democrática somente será um modelo hegemônico de administração da educação, quando, no cotidiano da escola, dirigentes e dirigidos participar desses debates tanto nas reuniões administrativas e pedagógicas, como nas aulas (BASTOS, 2001).

Este é um tema que tem gerado grande polêmica frente à necessidade de definir as tarefas educativas da família e as da escola. Nessa interlocução, observa-se que tanto a família quanto a escola buscam apoiar-se mutuamente, porém acabam se desencontrando e produzindo, muitas vezes, um jogo de culpados e inocentes.

Ainda segundo Wagner (2011) desconhecimento de pais/mães a respeito da ação educativa da escola. Os pais/mães confiam no trabalho dos professores e, assim, não julgam ou questionam para não interferir em seu trabalho. Frente a isso, pergunta-se então: como eles confiam no que não conhecem?

Os autores Carvalho (2004) e Viana (2005) referem à passividade e a falta de participação parental na escola em função da aceitação do saber “dos especialistas” como superior ao próprio saber. Talvez pelo senso comum e pelas ideias perpetuadas a respeito do saber da escola, esta instituição assuma total supremacia, fazendo com que os pais não questionem aceitem e confiem nas práticas escolares.

Segundo a observação de Wagner (2011) as falas tanto dos progenitores com as dos professores referiram, de alguma forma, a importância e a “soberania” do saber escolar,

confirmando a hierarquia entre “saber” e “orientação” da escola em relação à família. Nesse sentido os professores, mostraram-se muito “confortáveis” para orientar as famílias e avaliar os problemas de seus alunos, criticando e queixando-se da forma como eram educados pela família, assim, referendando a ideia de que possuem um saber superior ao saber familiar.

Quando professores assumem para sua responsabilidade a tarefa de avaliar tecnicamente os problemas de seus alunos adotando julgamentos, acabam absorvendo tarefas que não lhes compete.

Como Wagner (2011) afirma as famílias encontra-se desempoderadas de suas funções educativas, enfraquecidas na sua autoridade. Pais/mães posicionam-se de forma a distanciar, delimitar e delegar papéis para a escola, isentando-se de interferir na ação educativa dos professores e, assim, reafirmando a “autoridade” dos mesmos.

Para Wagner (2011) a quantidade de informação disponível atualmente sobre a educação de crianças parece, paradoxalmente, facilitar e ao mesmo tempo assustar os pais a respeito de como educar seus filhos, embora os pais possuam muitas informações que orientam o que devem ou não fazer, este é um aspecto que parece não garantir que eles façam ou não façam o que é prescrito.

Observando que a informação por si só não é suficiente, sendo necessário incluir outras variáveis na orientação dos pais e da sensibilidade para as necessidades da criança.

Segundo Tiba (2012), os pais para que possam conhecer realmente seus filhos, é importante que estejam bem informados de seu comportamento na escola. Mesmo não sendo de sua competência muitas vezes a escola pode orientar os pais a superar dificuldades domésticas com um determinado filho, antes que seja necessário tratamento psicológico. A escola por lidar com grande número de crianças, têm mais experiência com certas faixas etárias do que os próprios pais. A voz da experiência da escola, bem ouvida, pode ser muito útil num momento em que a família se encontra perdida sobre a maneira de como proceder com o filho.

Complementa ainda Tiba (2012), que se os pais soubessem dessa possibilidade de ajuda e tivessem a sabedoria de procurar a escola, muitos conflitos, desajustes relacionais, problemas de juventude, migrações e dificuldades escolares seriam, sem dúvida, resolvidos a tempo. A escola por sua vez ao perceber qualquer dificuldade com seu aluno, poderia também chamar os respectivos pais e juntos, pais e escola combinarem critérios educativos, levando em conta as duas mãos – a do coração (afeto e sentimento) e a da cabeça (razão, pensamento) – dos três personagens mais importantes da educação da criança: a mãe, o pai e a escola.

Ressalta Tiba (2012), quando a parceria família e escola se forma desde os primeiros passos da criança, todos saem lucrando. A criança que estiver bem vai melhorar ainda mais, e aquela que tiver problemas receberá a ajuda tanto da escola quanto dos pais. Quando há conflitos entre família e escola, as crianças tendem a acompanhar quem mais lhes agrada, e os adolescentes em geral tentam tirar vantagens pessoais. Assim, quando os pais não concordarem com a postura da escola, é diretamente com ela que devem resolver as discordâncias. Sendo assim a criança não se apoiará nos pais para se insurgir contra a escola.

O saber é essencial, portanto estudo não se negocia. Não cabe ao filho decidir se estuda ou não. Ele tem que estudar e pronto. Como vai estudar? Aí cabe a possibilidade de conversar e negociar horários etc. (TIBA, 2012)

Quando a comunicação da escola com os pais é através de bilhetes e reuniões remete e tende a reforçar aos pais a ideia de que, se são chamados na escola, é em função de um problema muito sério de seu filho, muitas dessas estratégias utilizadas pela escola podem, facilmente, assumir um caráter punitivo e negativo.

Escola e família buscam realizar ações para definir responsabilidades na educação das crianças, ao invés de realmente unissem-se e cooperarem nessa tarefa.

A escola foi criada para servir à sociedade. Por isso, ela tem a obrigação de prestar contas do seu trabalho, explicar o que faz e como conduz a aprendizagem das crianças e criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos.

Quando estes são resistentes a esta aproximação com a família, o trabalho na sala de aula acaba ficando prejudicial. Há inúmeros os fatores deste distanciamento: intromissão dos pais, medo de críticas, seja da sua postura, do método adotado, da falta de tempo, independente da situação, o professor também precisa ser maleável e aceitar as intervenções da família são para o bem do seu aluno.

Entretanto, Bem - Fadel (1998) “reconhece que a escola, hoje, ainda não está preparada para lidar com o envolvimento familiar. Para que isto ocorra, deve haver primeiramente o reconhecimento do meio familiar como um verdadeiro aliado da escola”.

Muitos gestores e docentes, embora no discurso reclamem da falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos - com alguns até atribuindo a isso o baixo desempenho deles - não se mostram nada confortáveis quando algum membro da comunidade mais crítico cobra qualidade no ensino ou questiona alguma rotina da escola.

Alguns diretores percebem essa atitude inclusive como uma intromissão e uma tentativa de comprometer a autoridade deles. Já a maioria dos pais, por sua vez, não participa mesmo. Alguns por não conhecer seus direitos outros porque não sabem como, e ainda há os

que até tentaram, mas se isolaram, pois nas poucas experiências de aproximação não foram bem acolhidos e se retraíram.

É preciso orientar os pais e subsidiá-los com informações sobre o processo de ensino e de aprendizagem, colocá-los a par dos objetivos da escola e dos projetos desenvolvidos e criar momentos em que essa colaboração possa se efetivar. Quando o assunto é aprendizagem, o papel de cada um está bem claro - da escola, ensinar, e dos pais, acompanhar e fazer sugestões, porém se o tema é comportamento, as ações exigem cumplicidade redobrada.

Ao perceber que existem problemas pessoais que se refletem em atitudes que atrapalham o desempenho em sala de aula, os pais devem ser chamados e ouvidos, e as soluções, construídas em conjunto, sem julgamento ou atribuição de culpa.

Segundo Lage (2012), a elevação dos problemas sociais dificulta o processo ensino-aprendizagem. Na agitação, a vida do professor se torna tensa, obtusa e reduz os seus horizontes, retardando a complexa arte de educar, por sobressair a face de uma Educação que retrata degradação familiar: crianças e jovens mal-educados, agressivos, individualistas, possessivos salientando a ruína de princípios sócio-religiosos familiares através de gestos, atos e atitudes que dificultam uma formação com princípios éticos e morais.

Diante dessa realidade, tudo que o professor consegue é preencher o tempo com conteúdos evasivos, por se ver incapaz de gerar alternativas, pois a permissividade dos pais tira a autoridade do professor, a autonomia da escola, transformando o espaço num lugar cada vez mais estressante, onde a violência familiar, a carência afetiva e a deficiência de respeito se manifestam.

Lage (2012), reitera que a frente de atuação adversa tão precisa, confunde, desnorteia ao ponto de lançar sociedade contra escola [...] Escola contra professor [...] Professor contra educando, pois o outro dispositivo indicado – gestor – na maioria das vezes, em vez de buscar os propósitos da Educação, atende aos interesses do sistema que institui situações que originam problemas. Consciência todos temos, o que falta é família, governo e sistema assumirem suas responsabilidades.

A família precisa estimular o pensamento da criança, ajudando-a a pensar com autonomia, ouvindo suas indagações, questionamentos e permitindo que faça suas próprias escolhas e se responsabilize por elas, colocando os limites necessários na medida correta.

Em algumas famílias, esta autonomia de pensamentos é podada, impedindo que a criança possa pensar, escolher, negar, questionar, desta forma poderá refletir negativamente na aprendizagem do sujeito quando da elaboração de uma redação, na interpretação de textos,

em pesquisas escolares, em decisões a serem tomadas em grupos, desenvolvendo-se como submisso e inseguro.

Continua Sampaio (2009), neste contexto a família imprime suas marcas no sujeito, moldando-o conforme acredita serem corretos os seus juízos de valor. Acontece que estas marcas poderão vim carregadas de frustrações, atribuindo ao filho a responsabilidade de ser o que estes pais não conseguiram, ou de continuar uma tradição familiar.

Os pais inconscientemente deixam a seu filho a carga de refazer sua história, mas refazê-la de tal maneira que nada deveria mudar, apesar de tudo. O paradoxo em que a criança está presa produz logo efeitos violentos; com efeito, raramente há oportunidade de que a criança se realize em seu próprio nome. (MANNONI apud FERNÁNDEZ, 1991, p.99 CITADO POR SAMPAIO 2009).

Segundo Sampaio (2009), tem se presenciado hoje crianças que já acordam ligadas na televisão ou mesmo no computador, e não falando apenas em crianças maiores, mas também de crianças de apenas dois anos de idade, cujos pais, ou por comodismo ou por ausência, se esquecem de oferecer outros recursos. Pais estão passando por situações de estresse e acabam não tendo condições de visualizar pequenas coisas que poderiam dar certo.

Muitas vezes a escola observa alguns comportamentos, sinaliza à família que algo está errado, que é necessário procurar um especialista para uma avaliação, e a família nada faz? Em muitos casos se chateiam, chegando a retirar a criança da escola. Levando-a para outra instituição de ensino, mas lá acontece a mesma coisa, o que leva mais um vez a recolocação da criança em outra instituição de ensino, perpetuando-se a situação.

Resultado disso será o agravamento tanto emocional quanto da aprendizagem escolar, pois quando a criança começa a criar vínculos, ela é retirada da escola, sendo obrigada a iniciar um novo processo de adaptação. A família deve fazer todo esforço para que a criança consiga superar suas dificuldades.

Em Araújo (2005), o educador na aprendizagem da criança dá o esqueleto, cabe aos pais preenche-los, estando atentos ao que o filho está aprendendo na escola e contribuir com elementos que ampliem seu conhecimento. Se a lição de casa não é criativa, os pais podem dar a ela um colorido especial, aguçando nele o interesse pelo assunto.

Destaca ainda este autor que o papel do educador é que não se pode confundir a função dele com a dos pais, e vice-versa. A tarefa de educar cabe aos dois, mas em esferas diferentes, quem tem de cuidar para que a criança tenha uma letra legível ou mantenha os cadernos em ordem é o educador, não os pais. Se a criança diz palavrões ou briga muito na escola, esse é um problema dos pais, não do professor. Quando esses papéis são

compreendidos e bem exercidos, a função dos pais e dos mestres complementa a educação da criança.

Para Sampaio (2009), crianças superprotegida possuem falta de limites e, conseqüentemente, um mau rendimento escolar. Em geral são crianças que não gostam de ser contrariadas, não participam das atividades em grupos porque só fazem o que querem, são rebeldes, resistem às regras sociais, não toleram frustração, apresentam dificuldades de relacionamento. Pais muitos protetores deixam seus filhos fazerem o que querem e não admitem que alguém os chame à atenção.

Pais não sabem ou fingem não saber é que estas crianças crescem e viram adolescentes que vão desafiar, desrespeitar, contestar autoridade que lhes é imposta pela sociedade.

A indisciplina nas escolas é um fato. Alastrando-se em diferentes instituições e segmentos de ensino, falta de limites, desrespeito e ocorrências de violência e vandalismo são queixas que se multiplicam entre pais, professores e gestores.

Segundo Colello (2013), quando a indisciplina é encarada como um bloco de ocorrências uniforme e incompreensível, resta apenas o jogo de culpabilização: as escolas criticam os pais “que não educam os filhos”, os professores incriminam os alunos “carentes e desequilibrados” e as famílias culpam o “ensino de baixa qualidade”. Escolas e pais nem sempre sabem o que fazer, cada um solitariamente lidando com o problema.

Completa Colello (2013), a indisciplina fosse entendendo-se, em cada caso a conjunção de fatores sociais, institucionais, pedagógicos, afetivos e relacionais, o desafio poderia se enfrentado na parceria responsável entre famílias, escolas e poder público. Um enfrentamento capaz de lidar com a gênese do problema e não só com seus efeitos, articulando o projeto educativo à formação ética dos alunos.

Sendo assim, a disciplina deixaria de ser um requisito para a eficiência escolar, passando à meta do projeto pedagógico tão legítima quanto ensinar conteúdos. A cooperação entre pais e educadores é indispensável para a reconfiguração da vida estudantil, pois a negociação de metas e linhas de conduta favorece a educação em valores e a conquista da postura crítica entre alunos.

Segundo Aquino (1996), a indisciplina na sala de aula não se deve essencialmente a “falhas” psicopedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam o lugar que a moral ocupa. Restando apenas para a escola uma solução: lembrar e fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania.

Sendo que para ser cidadão, são necessários conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo entre olhares éticos.

A questão disciplinar é atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. O ensino tem como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos com: bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade etc.

De acordo com Mello (2009), a indisciplina frequentemente está centralizada no aluno, sem se atentar para a relação família/escola, onde as causas da indisciplina estão entrelaçadas. É visível que a indisciplina em todas as classes sociais tornou-se uma prática crescente não só dentro das escolas, mas também dentro de casa, nas ruas, nos ambientes coletivos como meios de transportes, shoppings, etc. Não se consegue muitas vezes determinar um culpado, embora este problema comece na maioria na família.

Para Mello (2009), umas das consequências são a configuração familiar moderna, pais ansiosos por compensar sua falta, dando aos filhos uma liberdade sem fronteiras, deixando as crianças sem parâmetros entre o que é correto e o que não é. Muitos desses filhos acabam desenvolvendo uma baixa tolerância à frustração e chegam à escola, muitas vezes o único lugar onde podem expressar-se, com dificuldades em aceitar regras.

A indisciplina escolar não envolve apenas características encontradas fora da escola, como problemas sociais, conflitos nas relações familiares, mas também aspectos envolvidos na escola, como a relação professor-aluno. A escola continua ocupando muitas vezes uma postura de repassadora de conteúdo, numa relação ditatorial sem levar em conta as necessidades dos alunos, ignorando que eles fazem parte da era da informação, com tecnologia moderna ao seu alcance mesmo em comunidades mais pobres, o que justifica a necessidade da escola reciclar-se, para que as aulas deixem de ser enfadonhas e passem a ser interessantes e provocativas.

A escola numa relação autoritária estabelece regras sem observar as peculiaridades de seus alunos e professores, os quais não percebem que não são o tempo todo ensinantes, mas que também aprendem e devem abrir mão de uma postura autoritária que não considere os conhecimentos dos alunos, negando-se a ampliar seus próprios conhecimentos com eles. (MELLO, 2009)

Defendendo-se a ideia que aconteça um trabalho pautado na reciprocidade consequentemente na cooperação e na colaboração entre todos envolvidos neste contexto da indisciplina: alunos, família e escola.

A relação escola e família tornam-se imprescindível, pois a família como espaço de orientação, construção da identidade de um indivíduo deve promover juntamente com a escola uma parceria, a fim de contribuir no desenvolvimento integral da criança e adolescente.

A escola conforme Soares (2011) é uma instituição formadora de cidadãos atuantes e de local onde profissionais da educação trabalham, é preciso que ela seja capaz construir coletivamente uma relação de diálogo mútuo, onde cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, mas também de escrita, onde exista uma efetiva troca de saberes.

Nesta integração é preciso conceber que a capacidade de comunicação exige compreensão da mensagem que o outro quer transmitir e para tal faz-se necessário o desejo de querer escutar o outro, a atenção às ideias emitidas e a flexibilidade para se receber as ideias que podem ser diferentes, mas complementares.

Definidos os papéis dos pais e professores, deve haver este respeito mútuo entre ambas as partes, expondo suas opiniões e ouvindo sugestões, de forma respeitosa, para que assim a própria criança também tenha respeito pelo professor e pela escola.

De acordo com Vasconcelos e Soares,

Uma das melhores formas de se atingir a família é através dos próprios filhos; daí a relevância da escola desenvolver um trabalho participativo, significativo, em que realmente o aluno se envolva e entenda o que está sendo proposto para ele. Desta maneira, o próprio filho terá argumentos para ajudar os pais a compreender, a proposta da escola. (VASCONCELOS 1989, SOARES, 2011).

A escola é a principal responsável em promover iniciativas que levem as famílias a participarem. Abrindo suas portas, promovendo atividades culturais, projetos educacionais e trabalhando de forma a orientar as famílias nos seus direitos e deveres como parte da comunidade escolar. As famílias por sua vez têm o dever de participarem da educação de seus filhos, ajudando nas lições de casa, participando de reuniões de pais e mestres. (SOARES, 2011).

Tal relação implica em colocar-se no lugar um do outro e não apenas enquanto troca de favores, mas “[...] a cooperação, em seu sentido mais prodigioso: o de supor afetos, permitir as escolhas, os desejos, o desenvolvimento moral, como construção dos próprios sujeitos, um trabalho constante com estruturas lógicas e as relações de confiança”. (TOGNETTA, 2002, apud JARDIM, 2006, citado por SOARES, 2011)

Para Santrock (2009), compreender que os pais têm diferentes níveis de interesses no que se refere ao ambiente escolar é importante para estimular o apoio deles para a sala de aula. Preparar uma variedade de oportunidades para que os pais se tornem envolvidos com a sala de aula e deem apoio de outras maneiras. Por causa de seus compromissos, restrições de horário, por causa do trabalho ou do nível de conforto com base nas suas próprias experiências com a escola alguns pais pode se envolver de forma mais intensa se puderem

ajudar fora de sala de aula, em excursões, por exemplo, ou mesmo ao preparar material em casa para um projeto futuro.

Incentivar pais a serem voluntários. Promovendo treinamento, trabalho e programações para envolver os pais como voluntários na escola e aumentar a frequência às reuniões escolares. Tentar fazer as qualidades de voluntários correspondentes às necessidades de sala de aula, pais têm diferentes talentos e habilidades, assim como as crianças as escolas precisam saber usar isso.

Fornecer assistência as famílias. Auxilie as escolas a compreender origens, culturas e objetivos que as famílias têm para suas crianças. As escolas podem fornecer aos pais informações sobre as habilidades para educação de seus filhos, a importância do apoio familiar, o desenvolvimento da criança e do adolescente e contextos domésticos que melhorem a aprendizagem em cada ano escolar.

Os professores são um importante ponto de contato entre as escolas e família e tem condições de saber se a mesma está atendendo às necessidades físicas e de saúde básica as crianças.

Marcar reuniões em horários convenientes para que eles possam comparecer, utilizando-se de forma eficaz as reuniões da APM (Associação de Pais e Mestres), muitas vezes esta é a única forma de contato dos professores com os pais, buscar descobrir neste momento a estrutura familiar (intacta, divorciada, família adotiva), regras, papéis e estilo de aprendizagem. A escola precisa procurar praticar habilidades de escuta ativa e dizer algo positivo sobre a criança para que se estabeleça o professor como alguém de quem eles podem se aproximar.

Incluir as famílias como participantes em decisões escolares, Pais podem ser convidados a participar em comissões de APM, vários comitês, conselhos e outras organizações de pais, envolvendo-os em discussões sobre os objetivos da escola, aprendizagem adequada à idade, disciplina da criança e desempenho em testes.

De acordo com Eptein (2005, apud SANTROCK 2009), as escolas podem escolher entre centenas de práticas para o envolvimento com as famílias. As atividades da família e da comunidade podem ser estabelecidas e implementadas para cada tipo de envolvimento para ajudar os estudantes a alcançar objetivos escolares específicos.

Para Oliveira (2013), atrair pais e criar laços significativos com a comunidade são estratégias decisivas para melhorar a qualidade de ensino. “As expectativas dos pais tendem a aumentar a importância que os filhos dão à escola. Isso pode fazer muita diferença”. A especialista ressalta que o engajamento não significa, necessariamente, trazer os pais

literalmente para dentro da escola. Uma opção para aquelas impossibilidades de ir até o estabelecimento de ensino seria se envolver com os estudos do filho dentro de casa, por meio da leitura e da ajuda com a lição de casa.

Existe segundo ela muitas formas de se envolver. Outra maneira é ir até a escola, falar com professores e realmente entender o cotidiano de seu filho, mas sendo as duas igualmente importantes. No entanto, para que tal envolvimento seja bem-sucedido, é necessário que a escola cultive uma boa política de comunicação. Chamar os responsáveis somente para reportar más notícias e pedir que eles participem da vida escolar do filho, sem mais instruções, não é suficiente.

As escolas precisam oferecer diretrizes claras e diretas, tais quais: venham às reuniões de pais, certifique-se de que seu filho faz a lição de casa todos os dias, ofereça o melhor ambiente possível para a criança fazer a lição de casa, garanta que ele tenha material escolar em dia etc.

Completa Oliveira (2013), o fortalecimento dos vínculos entre a escola, a família e a comunidade é apenas uma das estratégias. Construção de um ambiente positivo propício à aprendizagem na escola. Atrair e conservar bons professores, além de assegurar o uso de estratégias de aprendizagem eficientes, Também são ações que podem ser adotadas pelas escolas.

Para que os pais possam trabalhar pela aprendizagem da criança, a comunicação ente escola e família precisa ser eficiente. Vale se desarmar de preconceitos e melhorar os momentos de contato pessoal e as mensagens escritas (SALLA, 2013).

Os docentes sabem que o envolvimento da família tem um grande impacto no sucesso escolar dos alunos e, por isso, querem a ajuda dela. Porém reclamam que os pais são omissos, colocando neles a culpa por problemas de indisciplina e pelo fracasso dos filhos nos estudos.

A concepção é explicada principalmente por um indicador: o baixo rendimento de estudantes que vivem em ambientes socioeconômicos vulneráveis. Os professores tem dificuldade em lidar com alunos que possuem uma bagagem cultural familiar diferente da esperada pela escola e que chegaram à sala de aula com a universalização da Educação Básica. Só que a situação cultural e socioeconômica não pode tirar de ninguém o direito de aprender. Nem sempre é possível contar com um ambiente ideal em casa para dar continuidade ao trabalho realizado na escola, mas é responsabilidade do educador ensinar mesmo assim (CARVALHO, 2013 apud SALLA, 2013).

Para que possam colaborar, os pais precisam ser incluídos no planejamento pedagógico, entender as estratégias da escola e saber o que se espera deles. Nesse sentido, é

imprescindível ouvi-los para identificar o que podem oferecer. O desafio, não é simples, mas o caminho existe.

Nas reuniões, os pais devem conhecer o projeto político-pedagógico (PPP) da escola e as propostas para o ano letivo. Possibilitar que eles acompanhem a evolução dos filhos, os encontros são oportunidades de compreenderem como ajudar nas estratégias de desenvolvimento estabelecida para a criança. Nem sempre a ausência dos responsáveis significa necessariamente, desinteresse.

Em grande parte das redes, os encontros ocorrem no horário de expedientes deles, outros fatores de queixa são de reuniões demoradas e cansativas e o tema principal o comportamento dos alunos.

Uma opção é fazer enquetes com os familiares sobre melhor horários. Os encontros devem prever quatro pontos: espaço para os responsáveis falarem de suas angústias e expectativas, uma agenda equilibrada – que não pode conter só aspectos negativos em relação aos alunos, mas também os avanços – apresentação do que foi desenvolvido em aula e das propostas e do planejamento para os meses seguintes (SALLA, 2013).

É importante dar abertura para ouvir o que os responsáveis têm a dizer – queixas, sugestões e dúvidas – e responder a tudo com clareza.

Formas de comunicação com grupos heterogêneos de pais precisam ser reforçada e diversificada para além dos envios de informativos e boletim. Fazer visitas à famílias e incentivar iniciativas na comunidade podem ser positivas.

Não dar apenas más notícias especialmente no caso de filhos de pais menos familiarizados com a vida escolar, o comportamento e as realizações das crianças precisam ser relatadas de forma balanceada. Se a única informação que chega em casa são as más notícias, haverá poucas chances de ganhar o apoio dos pais.

Orientações claras, escolas devem encorajar a interação entre pais e professores com orientação clara a respeito de como os pais podem contribuir para a vida escolar. As orientações podem incluir: organizar um local apropriado para o estudo ou dedicar tempo suficiente à lição de casa. Informativos sobre o valor da lição e sua relação com os objetivos educacionais podem ajudar. E para que haja um bom relacionamento é preciso convidar os responsáveis para falar sobre a profissão deles sempre que for interessante para o entendimento de conteúdos e projetos.

Chamar os pais não só para comparecer, mas também para ajudar na organização de festas juninas, feiras de Ciências e jornadas culturais ou esportivas. Abrir a biblioteca, o laboratório de Informática e a quadra de esportes para uso dos familiares.

Promover palestras e debates que tenham como objetivo a formação dos pais, tratando de assuntos de interesse geral, como saúde, mídia, drogas, sexualidade etc. Enviar relatórios periódicos sobre o desempenho da classe e as conquistas individuais. Informar sobre mudanças na estrutura física, na organização do espaço e do tempo escolar ou na equipe pedagógica.

O caminho da convivência harmoniosa exige trabalho intenso de pais e professores o esforço vale a pena. A harmonia entre as partes é valiosa para a educação – é o que apontam estudos na área. Uma pesquisa encabeçada pela Fundação Getúlio Vargas, por exemplo, mostra que os efeitos da presença dos pais na vida escolar se fazem notar por toda a vida adulta. Na infância e na adolescência, a participação da família está associada a notas até 20% mais altas e riscos de evasão até 64% inferiores. A interferência deles no processo educativo é saudável, mas ambas as partes precisam estar abertas ao diálogo (GOULART, 2012).

Tanto Caiado (2013), como Goulart (2012) concordam com as seguintes ações para a integração família e escola.

Esclarecer aos pais, desde o ato da matrícula da criança, quais as diretrizes de ensino utilizadas pela instituição. Cumprir a proposta pedagógica apresentada para os pais, sendo coerente nos procedimentos e atitudes do dia-a-dia.

Informar os pais quando o aluno tem boas notas e comportamento adequado: isso estabelecerá a confiança necessária à tarefa de transmitir más notícias. Receber os pais com prazer, marcando reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e principalmente exercendo o papel de orientadora mediante as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda.

Marcar reuniões com os pais em horários oportunos, pois a maioria trabalhar o dia todo; estabelecer canais alternativos de comunicação, como e-mail e redes sociais. Abrir as portas da escola para os pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participar de atividades culturais, esportivas, entre outras que a escola oferecer, aproximando o contato entre família e escola.

Não desmerecer as ordens e ensinamentos dos pais diante dos alunos: se necessário, convide-os a visitar a escola para uma conversa. Importante que a escola mantenha professores e recursos atualizados propiciando uma boa administração de forma que ofereça um ensino de qualidade.

Informe-se sobre a linha pedagógica da escola em que seu filho estuda – ou estudará: isso evita mal-entendidos e frustrações. Manter um diálogo com o filho sobre o conteúdo que

está sendo vivenciado na escola. Cumprir às regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea.

Deixar o filho a resolver por si só determinados problemas que venham a surgir no ambiente escolar, em especial na questão de socialização. Diante de notas baixas ou reclamações de mau comportamento de seu filho, ouça a escola antes de fazer uma defesa cega da criança. Não desqualificar o professor diante do seu filho ou ele perderá o respeito pelo mestre: em caso de insatisfação, procure a escola.

Valorizar o contato com a escola, principalmente nas reuniões e entregas de resultados, podendo se informar das dificuldades apresentadas pelo seu filho, bem como o seu desempenho. Senão puder comparecer aos encontros propostos pela escola, procure a coordenação em um horário que lhe seja conveniente. Problemas familiares ou de saúde podem interferir no desempenho escolar da criança: sempre que possível comunique-os à escola.

Os pais devem participar ativamente da educação seus filhos, tanto em casa quanto na escola, e devem envolver-se nas tomadas de decisões e em atividades voluntárias, sejam esporádicas ou permanentes, dependendo de sua disponibilidade.

Cada escola, no entanto, em conjunto com os pais, deve encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade de pais, professores, alunos, direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos envolvidos neste contexto (DESSEN; POLONIA, 2007).

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas/ organização.** São Paulo: Summus,1996.

AQUISTAPACE, Flávio. Parceria entre escola e família deve priorizar a aprendizagem. **Portal aprendiz.** 06 set, 2012. Disponível em<<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2012/09/06/parceria-entre-escola-e-familia-deve-priorizar-a-aprendizagem/>>. Acesso em 25 out 2013.

ARAÚJO, Ceres Alves de. **Pais que educam: uma aventura inesquecível.** São Paulo: Gente, 2005.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2º Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BASTOS, João Batista (organização). **Gestão democrática**. 2º Ed. Rio de Janeiro. SEPE, 2001.

CAIADO Campos Elen. **A importância da parceria família e escola**: Entenda a importância de acompanhar seu filho na escola. Brasil escola. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/a-importancia-parceria-familia-escola.htm> Acesso 02/11/2013.

CARVALHO, M. E. P. Modos de educação gênero e relação escola-família. **Cadernos de pesquisa**. 2004.

COLELLO, Silvia Gasparian. **A Indisciplina na escola é um problema de todos nós**. 29/01/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1221627-opiniao-a-indisciplina-nas-escolas-brasileiras-e-um-problema-de-todos-nos.shtml>. Acesso: 29/10/2013

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**: Psicologia da educação escolar. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CONTE, Sueli. **Bastidores de uma escola**: Entenda por que a interação escola e família é imprescindível no processo educacional. São Paulo: Gente, 2009.

DAVIES, D.; MARQUES, R.; SILVA, P. **Os professores e as famílias**: A colaboração possível. 2º Ed. Lisboa: Livros Horizontes, 1997.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano**. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/paideia>>. Acesso em: 09/2013.

FERNANDES, Elisângela. Ideias que jogam contra o ensino. **Nova Escola**. ano 26, Março 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessário a pratica educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GENTILE, Paola. Parceiros na aprendizagem: Abrir as portas à participação de familiares e da comunidade ajuda os alunos a ter sucesso na vida escolar e colabora para diminuir a evasão e a violência. **Nova escola**. Ed. 193. Jun, 2006. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/parceiros-aprendizagem-423371.shtml>>. Acesso em 29 nov 2013.

GOKHALE, S. D. A família desaparecerá? **Revista debates sociais**. N° 30, Ano XVI. Rio de Janeiro: CBSSIS, 1980.

GOULART Nathalia. Pais e professores uma relação difícil: O que pais e professores devem fazer para evitar conflitos. **Veja**. Disponível em:

<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/pais-e-professores-uma-relacao-dificil#quadro1>. Acesso 02/11/2013.

HEIDRICH, Gustavo. A Escola da Família: Aproximar os pais do trabalho pedagógico é um dever dos gestores. **Gestão Escolar**. Disponível em: <http://gestaoescolar.abril.com.br/comunidade/escola-familia-493363.shtml?page=0>.

Acesso 09/11/2013.

KALAUSTIAN, S M. **Família brasileira, a base de tudo**. Brasília: Unicef, 1998.

LAGE, Nildo. Os professores clamam por educação. **Construir Notícias**. Ano 12 set/out. Recife: Construir, 2012.

MAHONEY, A. A. Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. **Psicologia & Educação: Revendo contribuições** (pp. 9-32). São Paulo: Placco, 2002.

MELLO, Eloci de. Família e escola na questão da indisciplina. **O x da educação**. 04 mar 2009. Disponível em:

<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/oxdaeducacao/19,0,2426233,Familia-e-escola-na-questao-da-indisciplina.html>. Acesso em 30/11/ 2013.

MENEZES, Luís Carlos de. **Escola e Família como parceiros**: Educar depende de uma relação mais ampla entre os pais do aluno e os professores do que a prevista em uma mera prestação de serviços. out. 2005. Disponível: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/escola-familia-como-parceiras-423328.shtml>. Acesso 14/10/2013.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Lar escola e educação**. São Paulo: Atlas, 1972.

OLIVEIRA, Tory. Laços de família de políticas educacionais da OCDE, a valorização de vínculos entre a escola, a família e a comunidade melhora a qualidade de ensino em escolas mais vulneráveis. **Carta fundamental a revista do professor**. Fev, p 50. 2003.

OLIVEIRA, Z. M. R. Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sócia histórica. **Caderno do CEDES**, 2000.

REGO, T.C. **Memórias de escola**: Cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

- ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. **Família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2002.
- SALLA, Fernanda. Todos juntos. **Nova escola**. Ano XXVIII, nº 263. Jun/jul, p.36. 2013.
- SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem: A psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- SANTROCK, Jonhw. **.Psicologiaeducacional**. 3º Ed. Brasil: Mcgow, 2009.
- SOARES, Jiane Martins. **Família e escola: parceiras no processo educacional da criança**. Macapá, 2011. Disponível em:
<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1853> Acesso em out/2013.
- SOUZA, João Valdir Alves de. Educação. **Presença pedagógica**. Mai./jun. Belo Horizonte: Dimensão,2012.
- TIBA, Içami. **Quem ama educa: formando cidadãos éticos**. São Paulo: Integrare, 2012.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 7º Ed. São Paulo: Libertad, 1989.
- VIANA, M. J. B. As práticas socializadoras familiares como lóculos de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. **Educação e sociedade**. 2005.
- WAGNER, Adriana et.al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.